



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 8, art. 7, p. 129-147, ago. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2021.18.8.7>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



“O Melhor Esporte do Mundo é Caçar Negros”? Geografia, Formação de Professores e Pesquisa (Auto)Biográfica

“The Best Sport in the World Is Hunting Blacks”? Geography, Teacher Training and Biographical Research

Leonardo Pinto dos Santos

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria
Professor da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira
E-mail: leonardosantos@ufpa.br

Wallysson de Oliveira Carvalho

Licenciando da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira
E-mail: wallysson.oc@gmail.com

Welitemara da Silva Araújo

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Pará, Campus Altamira
E-mail: wellyaraujob05@gmail.com

Endereço: Leonardo Pinto dos Santos

Faculdade de Geografia – Rua Coronel José Porfírio,
2515, Esplanada do Xingú, CEP: 68.372-040,
Altamira/PA, Brasil.

Endereço: Wallysson de Oliveira Carvalho

Faculdade de Geografia – Rua Coronel José Porfírio,
2515, Esplanada do Xingú, CEP: 68.372-040,
Altamira/PA, Brasil

Endereço: Welitemara da Silva Araújo

Faculdade de Geografia – Rua Coronel José Porfírio,
2515, Esplanada do Xingú, CEP: 68.372-040,
Altamira/PA, Brasil

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 19/07/2021. Última versão recebida em 03/08/2021. Aprovado em 03/08/2021.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Esta pesquisa organiza-se sob dois movimentos: refletir sobre o contexto da Amazônia e os professores que ali atuam a partir de um ponto de confluência que é a Faculdade de Geografia (UFPA/Altamira); pensar a pesquisa (auto)biográfica como possibilidade de formação dos professores que atuam nestas realidades. Busca-se, por meio dessa investigação, em fase de desenvolvimento, contactar docentes que atuam na formação de professores de Geografia e estudantes que estão no último ano do curso de Licenciatura em Geografia da UFPA-Campus Altamira, produzindo, por meio de suas narrativas autobiográficas, possibilidades para compreender um outro caminho formativo possível. O método (auto)biográfico é proposto no sentido de compreender processos de interação/relação com a região amazônica, compreender as dinâmicas sociais e educacionais, desenvolvimento promovido pelo Estado brasileiro em diferentes momentos da história do Brasil e a formação de professores de Geografia nesse contexto.

Palavras-chave: Geografia. Formação de Professores. Pesquisa (Auto)Biográfica.

ABSTRACT

This research is organized under two movements: reflecting on the context of the Amazonia and the teachers who work there from a confluence point that is the Faculty of Geography (UFPA/Altamira); thinking about biographical research as a possibility of training of teachers who work in these realities. Through this research, under development, the aim is to contact teachers who work in the training of Geography teachers and students who are in the final year of the Degree in Geography at UFPA-Campus Altamira, producing, through their narratives autobiographical, possibilities to understand another possible formative path. The (auto)biographical method is proposed in order to understand processes of interaction/relationship with the region, understand the social and educational dynamics, development promoted by the government at different times in Brazilian history and the training of Geography teachers in this context.

Key words: Geography. Teacher Training. Biographical Research.

“Falando de esporte”, disse Mac, “o melhor esporte do mundo é caçar negros. Depois que deixei Burlington, vocês lembram, eu fui para o sul. Saí para ver o mundo de cima para baixo, e acabara de descobrir que podia brigar. Deus! As lutas em que eu costumava me meter... Bem, de qualquer jeito, acabei numa plantação de algodão na Geórgia, perto de um lugar chamado Dixville. Acontece que eles estavam precisando de um capataz, então eu fiquei. “Lembro-me daquela noite perfeitamente, porque estava sentado em minha cabine escrevendo para casa para minha irmã. Ela e eu sempre nos demos bem, mas não conseguíamos nos dar bem com o resto da família. No ano passado ela se juntou com um caixeiro-viajante... Ah, se um dia eu pegar esse aí... Bem, como eu dizia, eu estava sentado lá. Escrevendo sob a luz de uma lamparina a óleo. Estava uma noite quente, úmida, e a tela da janela era uma massa contorcida de mosquitos. Fiquei com coceiras só de vê-los engatinhando uns por cima dos outros. De repente, minhas orelhas levantaram-se e o meu cabelo começou a se arrepiar. Eram cachorros, cães sanguinários, vindo espalhados em meio à escuridão. Não sei se vocês já ouviram um cão ladrar quando está atrás de um humano... Qualquer cão ladrando à noite é a coisa mais solitária, mais assustadora do mundo. Mas aquilo era pior. Fazia você sentir como se estivesse parado no escuro, esperando por alguém que vai estrangulá-lo – e você não pode escapar! “Por mais ou menos um minuto tudo que ouvi foram os cães, e depois alguém, ou alguma coisa, caiu por cima da minha cerca. Pés pesados, correndo, passaram bem em frente a minha janela e ouvi o ruído de respiração. Vocês sabem como um cavalo teimoso respira quando você está apertando o pescoço dele com uma corda? Daquele jeito. “Fui para a varanda num pulo, a tempo de ver os cães pularem minha cerca. Então alguém que eu não conseguia ver gritou, tão rouco que mal podia falar: “Pra onde ele foi?” “□Passou a casa e foi para trás!”, disse eu, e comecei a correr. Havia uns doze de nós. Nunca descobri o que o negro fez, e acho que a maioria dos homens também não. Não ligávamos. Corremos como uns loucos pelo campo de algodão, pelos campos pantanosos com as inundações, nadamos no rio, mergulhamos por sobre as cercas, de um jeito que normalmente cansaria um homem em cem metros. Mas nós nem sentimos. A saliva continuava brotando em minha boca. Era a única coisa que me incomodava. Era lua cheia e, de tempos em tempos, quando chegávamos a uma clareira, alguém gritava, ‘Lá vai ele!’, e pensávamos que os cães haviam se enganado e ido atrás de uma sombra. Sempre os cães na frente, ladrando como sinos. Diga, você já viu um cão sanguinário correndo atrás de um homem? É como uma corneta. Eu bati minha canela em umas vinte cercas, e a cabeça em todas as árvores da Geórgia, mas nem senti...” Mac estalou os lábios e bebeu. “É claro”, disse ele, “quando alcançamos, os cachorros tinham acabado de fazer o negão em pedaços”. Sacudiu a cabeça com uma lembrança brilhante. “Você terminou a carta para a sua irmã?”, perguntei. “Claro”, disse Mac, secamente. “Eu não gostaria de viver aqui no México”, disse Mac. “As pessoas não tem coração. Gosto de pessoas amigáveis, como os americanos.”

Reed (2000, p. 56-58)

1 INTRODUÇÃO

Formar professores e professoras tem se tornando uma tarefa cada vez mais complexa, não somente em razão das diferentes dimensões que perpassam a docência, mas principalmente com as mudanças no quadro social patrocinadas pelos avanços do meio técnico-científico-informacional e que impactam diretamente a instituição escola.

Como sabemos, a escola não é um corpo isolado do resto da sociedade (mesmo que seus muros às vezes possam dizer o contrário), ela sofre ressonâncias do que persiste nas realidades locais e globais. Outro ponto pacífico em relação à vida docente é que ela é uma profissão e para tanto tem que necessariamente ser pensada como tal, sendo urgente avançar sobre as concepções errôneas – mas, que ainda existem – do ato de docenciar ser fruto de “uma vocação, um apostolado, um sacerdócio leigo” (LESSARD; TARDIF, 2020, p. 255),

sendo cada vez mais latente a “necessidade de se pensar a formação de professores como uma formação profissional” (NÓVOA, 2017, p. 1106).

Quando se reflete a formação de docentes dentro do contexto amazônico, os processos parecem em um primeiro plano se tornarem ainda mais complexos, frente aos desafios que pairam sobre a região, que se configura como o “centro do mundo” nas reflexões de Brum (2019)¹. Essa centralidade se pode explicar em um momento global de emergências climáticas, mas também, em razão da necessidade de se pensar outro modelo econômico e, portanto, de organização social que se pautem em outras espacialidades que não as configuradas pelo capital frente a vida e em relação as diversidades em suas distintas dimensões.

A Amazônia tem vivenciado, nas últimas décadas, diferentes implicações espaciais que são resultantes diretas da instalação de grandes empreendimentos como estradas e usinas hidrelétricas, seguindo um modelo de desenvolvimento atrasado que vive uma dualidade de se pensar a questão econômica de um lado e o desenvolvimento dos povos e populações locais do outro (BECKER, 2009), sem existir maiores diálogos entre estes dois polos.

Parte deste ideário dos grandes empreendimentos levados para a região, tem como justificativa principal a urgência de tirar a região Norte e seus povos do atraso. Essa concepção parte de vozes exteriores à Amazônia, sendo praticada como uma forma de reprodução do capital, que vê para essa região as mesmas necessidades e anseios de outros grupos sociais presentes no Brasil. Para isso, o Estado coloca em movimento um objeto pensado ainda na época da ditadura civil-militar: a hidrelétrica de Belo Monte.

É neste contexto que a Faculdade de Geografia, da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Altamira, se coloca como formadora de licenciandos e licenciandas em Geografia. Como instituição formadora, se torna cada vez mais necessário repensar a formação dos professores que vão atuar em uma região com tamanha diversidade e centralidade.

Em um primeiro movimento, podemos concordar com Becker (2015, p. 111):

A preservação do equilíbrio ecológico não significa impossibilidade de exploração das potencialidades regionais, mas sim a busca das formas de exploração que, embora forçosamente introduzindo modificações no ecossistema, reduzam ao mínimo os riscos decorrentes dessa modificação. Um ecossistema é um conjunto que abrange populações de organismos vivos e um complexo de fatores ambientais em que os organismos interagem entre si e em que existem efeitos recíprocos entre o ambiente e as populações, de tal sorte que a interferência em um de seus elementos tem repercussões sobre o funcionamento do conjunto.

¹ Eliane Brum, Amazônia Centro do Mundo, Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/opinion/1573820553_621324.html>. Acesso em: 08 de junho de 2021.

Existem outras formas de se pensar esse “desenvolvimento” para a Amazônia, sendo um dos caminhos possíveis a construção de outros olhares para a região, em que a vida caminha próxima às concepções de desenvolvimento vigentes e/ou em construção. A Educação tem papel fundamental dentro deste processo, pois permite refletir as causas e consequências dos fenômenos, se considerando distintos prismas que confluem, como as dimensões biológica, social, cultural e política presentes nas espacialidades que se consolidam.

A formação inicial precisa cada vez mais conectar as questões ambientais com as sociais no pensar sobre a realidade, e, isso só é possível a partir de um pensamento profundo sobre o próprio currículo que tem formado estes docentes que vão atuar na Amazônia. Um meio possível é através da escuta das vozes daqueles envolvidos nos processos formativos, que é o que desejamos ao propor o uso do método (auto)biográfico na formação de professores de Geografia dentro da UFPA, campus Altamira.

O intuito é se valer deste método de pesquisa como meio para se fortalecer a construção de um novo Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia (PPC), da UFPA Campus de Altamira, à luz da Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Além, é claro, de se ter um PPC que esteja de acordo com as necessidades urgentes que se fazem imperativas para se subverter a ordem social vigente, que de muitas maneiras observam a floresta e seus povos como inimigas do desenvolvimento que o Capitalismo anseia para a região.

Ao fortalecer a formação docente se terá também um grupo profissional atento aos fenômenos locais, compreendendo relações possíveis entre ambiente e populações a partir das categorias geográficas, que podem conduzir a um pensar coletivo e horizontal. Permanecendo ainda com um olhar sobre a própria dimensão ética existente na docência, que entre outros objetivos, busca a leitura e transformação da sociedade que se apresenta a favor da mercadoria frente à vida presente na Terra.

Em relação a aspectos existentes no método (auto)biográfico, Arroyo (2020) aponta a necessidade de colocar os personagens presentes no processo de Educação para que narrem suas vivências, o que estamos desejosos de realizar com a pesquisa que se encontra em andamento dentro da UFPA, Campus de Altamira, buscando envolver docentes e discentes do curso de licenciatura em Geografia.

Esse pensar é encontrado também em Fanon (2020, p. 31), que em outro contexto comenta que “falar é existir absolutamente para o outro. [...] Falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma ou outra língua, mas é acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. A reflexão de Fanon (2020) encontra conexão com o pensamento de Nóvoa (1995), que leva à docência o uso de narrativas (auto)biográficas, afirmando ser impossível a separação do eu profissional com a história de vida dos indivíduos. Sendo as próprias narrativas frutos do “peso de uma civilização”, que pode ser lida a partir das falas dos docentes que participam de pesquisas com o método (auto)biográfico, pois a mesma impacta nas histórias de vida.

2 METODOLOGIA

2.1 O método (auto)biográfico: pensamentos iniciais

Esta pesquisa que se encontra em andamento, tendo completado um ano em julho de 2021 e com previsão de ser finalizada em julho de 2022, se faz necessária pelo próprio contexto de contradições presentes no espaço amazônico. Este é um ambiente em que os embates entre o capital e a vida se fazem visíveis na luta pela terra², pelo direito de existir e pela manutenção das culturas em um claro combate desfavorável à vida frente à reprodução e expansão do capital. Neste sentido, abordaremos neste artigo os caminhos metodológicos a serem seguidos na pesquisa, além de apontamentos sobre as potencialidades do uso do método (auto)biográfico dentro das pesquisas em Geografia.

A Geografia que é a ciência que analisa os diferentes fenômenos socioambientais presentes no Espaço Geográfico, precisa estar incumbida em pensar formas de compreender e ensinar tudo o que produz as distintas formas de desigualdades existentes. Assim, urge fazer como destaca Saquet (2019, p. 09) uma “uma geografia efetiva e afetivamente humana”, e, para isto, um dos caminhos para se chegar a este tipo de Geografia é a partir da escuta atenta de estudantes e professores, o que é potencializado pelo método (auto)biográfico.

Essa escuta terá como objetivo pensar a própria estrutura do curso de licenciatura em Geografia da UFPA, campus de Altamira, sendo “a intenção de ouvir os professores (e

² Professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, na palestra online “Amazônia: terra, territórios e conflitos no começo do séc. XXI”, tece comentários em relação as terras do estado do Pará registradas em cartório. As mesmas superam a própria área territorial deste estado da federação, o que representa um acentuado processo de grilagem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f6E816CRxZ4>>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

alunos) para conhecer o que dizem, pensam, sentem e fazem nos parece muito positiva, se o que se pretende é descobrir, com eles, quais os caminhos mais efetivos para alcançar um ensino de qualidade” (GATTI; BARRETTO; ANDRÉ, 2011, p. 15).

Dentro do método (auto)biográfico, se pode definir as narrativas dos indivíduos como um dispositivo que funciona como uma prática de formação, sendo que o método se configura como uma forma de pensar e caminhar dentro da pesquisa, sendo uma filosofia de entendimento do saber, cujo objeto de estudo está representado pelos tempos e pelos espaços no interior de cada um, sendo que a “pesquisa (auto)biográfica explora o entrelaçamento entre linguagem, pensamento e práxis social (PASSEGGI, 2010, p. 111), algo importante em um ambiente em que as contradições são evidentes, como é na Amazônia.

Já Nóvoa; Finger (2010) afirmam que o método (auto)biográfico está no campo científico como uma crítica à objetividade que permeou as pesquisas que, em ampla medida, ainda são influenciadas por um viés positivista. Tendo nos preceitos do método aqui utilizado, cargas de subjetividades e intersubjetividades que até então não eram consideradas dentro do mundo da ciência, uma vez que, a oralidade e outros preceitos do (auto)biográfico não alcançavam o grau de cientificidade até então aceito pelo pensamento dominante.

Ao se analisar esse caminho de pesquisa, acaba por se perceber que ele se origina das Ciências Humanas e Sociais com objetivo principal de se dar espaço para temáticas e atores que até então eram desconsiderados. Logo, o método é conduzido aos estudos de formação de adultos, fluindo naturalmente para a questão da formação de professores, objetivo da pesquisa em desenvolvimento.

Os debates em torno da utilização do método biográfico no domínio das ciências da educação e da formação de adultos são relativamente recentes. No entanto, essa perspectiva metodológica surge no final do século XIX na Alemanha, como alternativa à sociologia positivista [...]. O método biográfico desencadeou, no decurso da sua evolução histórica, importantes polêmicas epistemológicas e metodológicas que o opuseram a uma prática positivista das ciências sociais (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 22).

Abrahão; Bolívar (2014, p. 11) complementam ao colocar que:

Inicialmente trabajadas en antropología, sociología e historia como metodología de investigación en la problematización y registro de tramas sociales e históricas, las narrativas (auto)biográficas llegaron al campo educativo en el interfaz entre investigación y formación y se desdoblaron en múltiples posibilidades, inicialmente – en el caso de Brasil – más vueltas para la formación de adultos, posteriormente aumentadas de la preocupación y ocupación con la formación de profesores. Esas temáticas han sido tratadas por el uso de diferentes metodologías para el reparto oral y escritura de las experiencias vividas por los sujetos y por los grupos humanos, con especial registro para lo que se convino en llamar de historias de vida en formación. Como uno de los espacios en que se desarrolla la experiencia humana es el

institucional, las investigaciones de tradición (auto)biográfica, no muy raramente, envuelven el estudio de instituciones.

Nóvoa (1995, p. 18) contribui afirmando que “a utilização contemporânea das abordagens (auto)biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico”. Ao se buscar a escuta como ferramenta científica de indivíduos, com valorização de suas subjetividades, se passou a produzir “saberes socialmente não valorizados ou não reconhecidos como “sérios” pelas academias” (JOSSO, 2004, p. 97).

Tardif (2019, p. 11) é outro pensador que nos ajuda a compreender o papel do método (auto)biográfico que desenvolve reflexões a partir das histórias de vida e das narrativas de diferentes indivíduos, ao destacar que:

O saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores na escola, etc.

Neste sentido, é que a proposta é coletar narrativas dos professores mais antigos da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará, campus de Altamira, e, dos discentes no último período de formação, para dar destaque a grupos que estão envolvidos no processo de formação dos professores. Isto se faz necessário, pelas próprias imposição legais impostas pelo Estado brasileiro com as reformulações indicadas recentemente para os cursos de licenciaturas, bem como, pela urgência em se aproximar o curso de formação com a realidade amazônica.

Neste sentido, a pesquisa em desenvolvimento se propõe a escutar os sujeitos diretamente envolvidos/atingidos na/pela construção do currículo e do plano pedagógico do curso de Geografia, em um exercício intelectual de construção coletiva a partir de preceitos científicos que dão alma e sentido à formação inicial de licenciandos e licenciadas da Faculdade de Geografia.

Como Menezes (2021) aponta, a abordagem (auto)biográfica desponta na década de 1980 dentro do campo da Educação ao conceber uma epistemologia da formação, com ênfase para a formação de adultos, sobretudo, a de professores que passa a ser concebida por um ângulo que deixa de pensar o “formar” para pensar no “formar-se”.

Parte-se da premissa de que a formação é permanente e perpassa este movimento que visa o conhecimento de si, mas que é complementado pela relação com o outro. Este processo, que não consiste em uma atividade isolada, mas em uma caminhada

em conjunto, produz um espaço-tempo de construção coletiva da professoralidade. Assim, criam-se as condições para se rever (auto)representações, posturas e características intrínsecas à docência que, muitas vezes ao longo de um curso de licenciatura, deixam de ser desveladas (MENEZES, 2021, p. 115).

Desta forma, a ideia que se tem dominante em relação a formação de professores ser algo em constante devir, também é algo presente no método (auto)biográfico. Nele, a formação é concebida como um processo em permanente construção que ocorre em diferentes espaços e tempos, sendo que o contexto histórico a que o sujeito se encontra é ponto primordial dentro da formação.

O que torna o seu uso mais potente ao se pensar toda a realidade atual da Amazônia, funcionando como uma forma de fortalecer a formação docente na área de Geografia, já que o uso deste método nesta área do conhecimento ainda é incipiente dentro do Brasil. Além disso, destaque de que este método respeita a individualidade dos professores e futuros docentes, colocando cada sujeito no centro dos processos de construção do conhecimento, e, concebendo que as subjetividades existem e podem ser levadas em conta dentro do campo científico em razão da história de vida de cada pessoa que “envolve dimensões extraprofissionais (sociais, familiares, pessoais) e deve ser pensada nas dinâmicas das trajetórias que são sempre singulares” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 51).

Neste sentido, o método (auto)biográfico está vinculado a uma ideia que, por meio de narrativas que envolvem distintas dimensões daquele que narra, pode-se ressignificar e modificar as ações do sujeito que narra, ao mesmo tempo em que pode modificar o outro que lê as histórias narradas. Desta forma, este caminho de se fazer pesquisa se aproxima à formação dos professores, pois, novos e antigos docentes passam a refletir sobre suas próprias ações ao entrar em contato com narrativas de sujeitos que como eles estão envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, por muitas vezes enfrentando as mesmas dificuldades e partilhando os mesmos sonhos para com a Educação.

Amparado no método, a pesquisa pretende adotar a metodologia das histórias de vida e as fontes das narrativas (auto)biográficas. A ideia é contar com a participação de cinco docentes da Faculdade de Geografia e também de cinco discentes que estão no último ano de suas formações iniciais, o que permitirá um público abrangente, isso porque, tanto de docentes como de discentes a se formar ser reduzido. Em razão da pandemia de covid 19, a coleta das narrativas de forma presencial se torna impossível frente aos riscos à saúde, aos pesquisadores e aos sujeitos da pesquisa, neste sentido será solicitado que as narrativas sejam registradas e enviadas aos pesquisadores a partir de uma estrutura de questões abertas. O

critério de seleção destes sujeitos se pautará na antiguidade dentro da Faculdade de Geografia, do campus de Altamira, tanto dos docentes como dos discentes.

3 ANALISES E DISCUSSÕES

3.1 Pensando a Amazônia e a formação de professores

A Amazônia é uma área que congrega certa mística para o contingente da população que não a habita. Nela paira um número elevado de estereótipos que funcionam como justificativa para as políticas públicas nela implementadas, bem como, servem como meio para se incentivar ações patrocinadas pelo capital privado, que vê nela uma oportunidade ímpar para sua reprodução.

Neste contexto, violências simbólicas (quando não físicas) foram normalizadas a partir de processos de usurpação de território de pessoas e grupos sociais que, da noite para o dia, perderam suas referências de lugar e seu modo de vida se viu ameaçado. Estes olhares sobre a Amazônia, dentre eles a visão de vazio demográfico e de uma natureza rica em recursos a serem explorados monetariamente, conduziram para a construção de concepções que pouco estão conectadas aos interesses e anseios das populações locais.

Essas questões não são atuais, haja vista o processo de ocupação patrocinado pelos governos militares que já se valiam dessas concepções. O Governo Federal, em distintas fases, criou modelos para a região que permitiu e permite diferentes formas de atrocidades socioambientais, não encontrando consonância com preocupações globais em relação ao ambiente e aos direitos humanos. A partir do pensamento de Santos (1999) se faz possível compreender parte destes processos com suas reflexões que demonstram que a Amazônia passa a ser um território de reprodução ampliada e não mais vivencia o desenvolvimento local-regional-nacional.

Ao analisar as ideias que movimentam as espacialidades da Amazônia ontem e hoje, é possível afirmar que as mesmas estão distantes do que se espera para o século XXI, elas são do XX, quando não pertencentes ao século XIX ou mesmo anterior. As elites nacionais se pudessem retornariam à época em que a escravidão era permitida pelo Estado, como já bem apontava Darcy Ribeiro (2015), o maior problema do Brasil e do continente americano são suas elites que se apoiam na autocracia e em todos os meios possíveis para garantir o lucro na frente da vida.

Atualmente, o Estado continua a se aliar a estas elites que perpetuam iniquidades principalmente às minorias, como uma forma de se alçar o “desenvolvimento” pensado e patrocinado pelo sistema Capitalista. “Descoberta de que a causa real do atraso brasileiro, os culpados de nosso subdesenvolvimento somos nós mesmos, ou melhor, a melhor parte de nós mesmos: nossa classe dominante e seus comparsas” (RIBEIRO, 2015, p. 16). Em relação à Amazônia neste nosso novo século, Marinho (2019, p. 69) tece uma importante reflexão:

A Amazônica no começo do século XXI, tornou-se mais uma vez objeto de políticas territoriais projetadas e, em grande medida, patrocinadas pelo Estado brasileiro, visando aprofundar os processos capitalistas de exploração dos recursos naturais na região. Nesse quadro, chamou a atenção o particular interesse governamental pela implementação de grandes projetos hidrelétricos, tidos oficialmente como imprescindíveis para livrar a população de possíveis apagões e para assegurar, sem sobressaltos, a oferta de energia para o desenvolvimento econômico do país. Mas, mesmo derivando de um suposto “interesse público”, a efetivação desses grandes projetos foi (e vem sendo) marcada por disputas, conflitos e alianças envolvendo variados e contraditórios interesses.

Para citar apenas ocorrências recentes de grandes empreendimentos patrocinados pelo governo brasileiro temos: Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, em Rondônia, além de Belo Monte, no rio Xingu, no Pará. Uma visão de desenvolvimento alinhada ao período militar (1964-1985), que impera em pleno século XXI, mesmo frente a emergência climática que as sociedades humanas observam e que já é sabido que pode em um futuro não muito distante erradicar a própria vida humana entre outras formas de vida do nosso planeta.

Sobre a situação neste início de século, Brum (2019, p. 65) destaca que “Lula parece ter enxergado os povos da floresta como “pobres”, sem entender que viviam numa outra chave de apreensão do mundo, com outra experiência do que é riqueza e do que é pobreza”. Essa política dos grandes empreendimentos tem levado a um retrocesso de entendimento de como desenvolver uma região, com concepções do passado que impactam nas espacialidades de uma grande área territorial e que continuam a ser perpetuadas na Amazônia pelos diferentes governos pós-Lula, até mesmo tendo agravado a situação local.

São questões centrais que precisam ser consideradas dentro dos processos de formação de professores das distintas áreas do conhecimento, para que os mesmos garantam em um futuro próximo, o direito dos educandos de saberem as razões dos mesmos serem explorados, como destaca Arroyo (2020, p. 231):

Os docentes, educadores, gestores das escolas públicas, da EJA e até das universidades têm consciência de que chegam de crianças a adultos em vidas precarizadas. Quase 20 milhões na pobreza extrema, mais de 10 milhões na pobreza ainda que não extrema. Sabem dos trabalhos e espaços precários de onde os

educandos chegam e para onde voltam. Nos tempos de formação continuada tentam inventar como conhecer essas vidas precárias. Abrir espaços de diálogo com as famílias, mães, educandos, educadoras, educadores para que narrem suas vivências do seu precário sobreviver. Inventam repensar os currículos para garantir aos educandos o direito a saberem-se em vidas precárias, para saberem que estruturas econômicas, sociais, políticas os condenam a esse precário sobreviver.

No pensamento de Arroyo (2020), fica clarificado que é preciso repensar os currículos (escolares e de formação de professores) para que discentes e docentes compreendam as estruturas econômicas, sociais e políticas que permitem a existência de iniquidades, mesmo em um sistema (Capitalismo) que se alegra em se mostrar como de abundância. Mesmo na abundância persistem pessoas que morrem de fome (mesmo sobrando alimentos) e sem moradias (mesmo que tenham terras e construções ociosas que funcionam apenas para especulação).

Pelo entendimento de como se deu o pensar em relação ao desenvolvimento na Amazônia, podemos concordar com a fala que abre este texto em que Reed (2000) coloca no seu conto que seu personagem gosta é dos americanos (entendidos como estadunidenses), pois são pessoas amigáveis, fala esta que ocorre logo após o comentário de um esporte a muito praticado em nosso continente que é a caçada aos negros. Como a canção de Elza Soares³ nos diz: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, isso vale para o ontem e para o hoje, e, para tanto, nós professores formadores precisamos pensar cada vez mais nos currículos e conceitos que delineiam o que é e como são abordadas/compreendidas determinadas questões que envolvem a abordagem socioambiental. O Brasil como território, se estruturou a partir de diferentes ataques a corpos humanos, sendo que, a Amazônia como parte deste país, apresenta um passado e presente que continua a perpetuar os apontamentos de Elza Soares e John Reed, não apenas sobre corpos negros, como de indígenas e outros indivíduos que aqui desenvolvem suas existências de distintas maneiras.

Em nosso entendimento de Geografia, em sua dimensão acadêmica e escolar, é cada vez mais urgente um apoio desta ciência, às causas dos oprimidos, que por diferentes lados são explorados para que se possa dar vazão à reprodução do capital e à ampliação de poderes de determinados grupos, inclusive ampliando as desigualdades sociais. Concordamos com o apontamento feito por Becker (2013) de que a Geografia não segue seu sentido etimológico, mas sim, se apresenta como projeto, um possível projeto que permita construir as estruturas que nos levem a pensar outras realidades possíveis.

³ ELZA SOARES. A Carne. In: **Do Cócix Até O Pescoço**. Bahia: Maianga Discos, 2002. 1 CD. Faixa 6.

A escolha da Geografia se fundamenta numa paixão, verdadeira identificação existencial com essa disciplina. Pois que, no sentido etimológico, entendo a grafia da Terra não como descrição, mas como desing, desenho e projeto; não em uma consolidação estática, mas sim em contínua remodelação; não apenas a ser descoberto mas sim, também, a ser socialmente construído (BECKER, 2013, p. 50).

Neste caminho, temos na Amazônia um terreno fértil para pesquisas, em que a Geografia passa a atuar em um contexto diverso de povos da floresta que resistem a alguns séculos frente a diferentes políticas de genocídio de suas vidas, dos seus modos de vida e também de seus conhecimentos tradicionais. Deste modo, se faz incorreto o entendimento até então vigente de que o problema da desigualdade e do desenvolvimento podem ser resolvidos a partir de um tripé que envolve grandes obras, produção em grande escala e estímulo ao consumo. A realidade amazônica segue outra lógica e apresenta outras espacialidades que se diferenciam das demais regiões brasileiras.

Negar a cultura de grupos aqui presentes e negar a eles o protagonismo neste momento histórico, é a receita para um desastre de caráter humanitário. A “ordem natural” supostamente inalterável patrocinada pela lógica mistificadora do capital, apontada por Mézáros (2019), deve estar presente no rol dos debates geográficos, para que assim se possa trilhar mais próximo dos anseios dos que habitam a Amazônia, pois a sobrevivência da floresta e de toda a vida ali presente, será também a sobrevivência da vida humana. Este certamente é um entendimento que deve acompanhar a todos os docentes, com especial atenção para os professores e professoras que desenvolvem processos de ensino-aprendizagem com temáticas que envolvem questões éticas e socioambientais, como é o caso daqueles formados dentro das Humanidades.

Quando nos aproximamos da realidade vivida dentro de Altamira, em que se localiza um campus da UFPA que conta com uma Faculdade de Geografia que se destina a formar professores, nos apoiamos nos registros de Marinho (2019) e Brum (2019) para dar destaque em como a lógica mistificadora do capital se faz presente com raízes profundas na Amazônia. Dentre os distintos elementos que se pode mencionar destaca-se, no contexto deste município, a situação da usina hidrelétrica de Belo Monte, que além de todo impacto socioambiental para Altamira e região, esteve envolvida em uma clara inobservância jurídica e uma certa inviabilidade ambiental do projeto que fez com que a hidrelétrica recebesse a denominação de “elefante branco”, por, ao que tudo indica (e já se apontava antes de sua construção) não ser capaz de produzir a quantidade total de eletricidade prometida.

Na história recente da Amazônia, a grande causadora e reprodutora de violências na região do Médio Xingu, onde está a cidade de Altamira, foi e segue sendo a Usina

Hidrelétrica de Belo Monte. Muito pouco acontece na cidade que não tenha o DNA da Norte Energia S. A., a empresa concessionária da barragem. Esse DNA está marcado na agonia da Volta Grande do Xingu, uma região belíssima de 100 quilômetros onde vivem os povos Juruna e Arara, assim como população ribeirinha e espécies endêmicas de peixes. É também nesta região que, nos últimos anos, outra gigante, a mineradora canadense Belo Sun, pressiona a população local e assedia políticos de Belém para obter autorização para explorar aquela que seria a maior mina de ouro a céu aberto do Brasil – e também o sepultamento oficial da Volta Grande embaixo de toneladas de rejeitos tóxicos⁴.

Brum (2019) aponta alguns dados de Altamira que são resultados diretos do empreendimento de Belo Monte, dentre eles o aumento de mais de 100% na desnutrição de crianças indígenas das áreas atingidas pela construção de Belo Monte (Dados Ministério da Saúde); aumento da violência urbana em 1.110% entre 2000 e 2015, levando Altamira ao posto de município mais violento entre aqueles com mais de 100 mil habitantes em 2017, título este que perdeu em 2019, permanecendo como o segundo com maior número de casos de violência urbana (Dados Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada); além de ter registrado em seus limites um dos maiores massacres do sistema carcerário brasileiro (com mais de sessenta presos assassinados).

É neste contexto que é possível afirmar que o que ocorre de negativo atualmente em Altamira (nosso lugar de fala) tem de alguma forma uma ligação com a instalação da hidrelétrica de Belo Monte e tudo a isso relacionado. Somado a um contexto histórico de grilagem de terras que atinge a região Norte do Brasil, se apresenta um verdadeiro barril de pólvora que, de tempos em tempos, produz violências em nome do “desenvolvimento”. E, infelizmente, essa situação aqui existente, acaba por ser reproduzida em outras áreas da Amazônia com maior ou menor intensidade.

Como instituição formadora, a Universidade Federal do Pará tem papel fundamental na construção de caminhos formativos para seus docentes que permita que eles reflitam com seus futuros alunos que pode coexistir uma outra compreensão de desenvolvimento, sendo ela cada vez mais necessária na Amazônia do século XXI. A lógica colonialista/imperialista que dominou as relações dentro do desenvolvimento desta região no contexto de evolução econômica do Brasil não é mais viável frente a um Espaço Geográfico que se vê em um momento de mudanças climáticas que ameaçam a vida no planeta.

Pensar a Amazônia e a formação profissional dentro deste contexto é cada vez mais imperativo, frente às iniquidades que atingem a floresta e seus povos. As ações individuais e coletivas precisam se tornar cada vez mais constantes, deve-se combater para não

⁴ BRUM, Eliane. “A notícia é esta: o Xingu vai morrer” Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/opinion/1568300730_780955.html. Acesso em: 20 de maio de 2021.

continuarmos como cúmplices dos crimes que constantemente ocorrem contra a vida que resiste na região. Ribeiro (2015, p. 73) há muito já nos fazia refletir e questionar:

Se esse nosso mundo humano fosse produto de forças arbitrárias poderíamos dizer que a culpa é da fatalidade. Porém, o mundo é uma obra dos homens, é obra nossa. Somos os únicos responsáveis pelos males que existem e persistem porque consentimos. Em consequência, somos todos irremediavelmente cúmplices.

Reed (2000) finaliza seu conto apontando que “as pessoas não tem coração. Gosto de pessoas amigáveis, como os americanos”. Urge rever a formação docente no contexto amazônico, para que cada vez mais professores e estudantes consigam compreender as nuances presentes nessas “pessoas que não tem coração” e nas “pessoas amigáveis”. O método (auto)biográfico entra no campo da formação de adultos para auxiliar nessas compreensões, as narrativas dos sujeitos passam a conduzir para caminhos formativos de reflexão sobre a realidade em determinados contextos históricos, em um movimento que forma outros sujeitos em um mesmo tempo em que os sujeitos “formam-se”.

Chega o tempo de não se produzir mais “combustível humano”, ou seja, seres humanos que têm em suas existências a única função de servirem como mão de obra para a produção de riquezas. A Amazônia e seus povos não são “combustível humano” ou “carvão humano” (RIBEIRO, 2015) a ser consumido para que se gere lucro que permanece nas mãos de poucos que acabam patrocinando novos esportes que em algum grau encontra consonância com “o melhor esporte do mundo é caçar negros” (REED, 2000).

4 CONSIDERAÇÕES (NEM TÃO) FINAIS

Pensar a Amazônia é algo necessário por todos os que aqui habitam, mas também por todos que pretendem deixar para as gerações futuras um mundo que se possa fazer habitável. Os cursos de formação de professores e professoras, portanto, devem permanecer atentos às emergências que surgem neste contexto, caso da Faculdade de Geografia, que pensando neste momento histórico, pretende rever o seu currículo para que a formação inicial esteja em um paralelo mais próximo aos desafios existentes.

Não temos mais um vazio demográfico, nem mesmo, apenas uma floresta rica em recursos a serem utilizadas pelo capital para a sua reprodução. Há na Amazônia vozes que há muito são oprimidas e precisam ser escutadas, para que não apenas a floresta permaneça em pé, mas principalmente, para que a diversidade aqui existente continue a colorir a sociedade com seus aromas e sabores. Que se veja uma nação brasileira que seja composta pela

diversidade, com um número cada vez maior de indivíduos e grupos com direito as suas existências, auxiliando para a convivência de modos de vida mais sustentáveis e articulados com o ambiente.

Na ânsia por conseguir escutar essas vozes, se faz necessário que práticas de pesquisa como as desenvolvidas a partir dos preceitos do método (auto)biográfico possam ganhar palco na academia, como forma de valorização dos conhecimentos que existem. Neste contexto, entra a formação de professores também, que apresenta ganhos a partir do uso deste método de pesquisa, como estamos observando a partir da pesquisa até aqui descrita.

Ainda, frente a tudo que tem sido produzido e analisado em relação à Amazônia, se faz cada vez mais necessário um movimento dos oprimidos que transcendam a ideia simplória de produzir mercadorias e gerar lucros, fazendo com que diferentes formas de repressão e preconceitos sejam combatidas. Isto pode passar pelo caminho da Educação, que desempenha papel fundamental na organização de pensamentos para a construção de um outro mundo possível frente a tantos ataques.

Dentro da Educação em que a Geografia escolar está inserida, se faz necessário refletir a formação dos docentes constantemente, como forma de, cada vez mais, melhorar o ser e estar docente na Amazônia. Como já apontava Becker (2009, p. 126), o pensamento sobre como desenvolver o Norte do Brasil exige ações urgentes, sendo necessário procurar outros meandros para que os conflitos não continuem a serem reproduzidos.

Novas obras de infraestrutura gerando um novo arco de desmatamento do sul do Amazonas ao centro do Pará, envolvendo o já conhecido processo de ocupação desordenada, o desmatamento e os conflitos de terra, com a expulsão de populações tradicionais e pequenos produtores locais e com o afluxo de migrantes não absorvidos. Em outras palavras, as novas frentes reproduzem os conflitos do avanço da fronteira de recursos que caracterizou a ocupação regional entre 1970 e 1985, exigindo ações urgentes para controlá-los.

Formar professores para entender essas situações, bem como, produzir uma base teórica consistente que faça possível que os novos docentes possam questionar a si e a seus alunos sobre as estruturas econômicas, sociais e políticas existentes e que continuam a condenar a vida de milhares a uma situação precária de sobrevivência é o dever da Geografia, das universidades e também das escolas. A Educação precisa estar cada vez mais a serviço de ações que subvertam a realidade como está posta, pois “a vitória dos oprimidos será a libertação de todos, inclusive dos opressores” (RIBEIRO, 2015, p. 45).

“Uma vez liberados da opressão imperialista, nós floresceremos e eles também serão melhores, porque estarão livres do feio papel anti-histórico que hoje encarnam” (RIBEIRO,

2017, p. 89). Pensar outras realidades possíveis e ter esse pensamento de forma contínua na formação inicial de professores vai nos conduzir a uma sociedade mais justa e igualitária a todos, não sendo mais possível a prática do “esporte de caçar negros” ou outros que possuam este ideário. A carne negra e a indígena não continuarão a ser as mais baratas do mercado, já passou o momento de termos um modelo de desenvolvimento que não se sustente sobre um grande número de corpos que são dilacerados para subsidiar a riqueza de poucos.

Vencer a opressão não ocorrerá apenas a partir da Educação (básica e superior), mas sem ela, continuará a ser difícil superar o que se apresenta como inexorável na sociedade de hoje. Escutar e refletir sobre narrativas e falas de diferentes sujeitos nos parece um caminho viável para se (re)pensar a docência e a realidade amazônica, o que permanece como substrato do método(auto)biográfico que pode ser utilizado para potencializar a formação dos novos professores e professoras da ciência geográfica, bem como contribuir para a constituição de cidadãos críticos a partir do conhecimento que a Geografia proporciona.

Se faz cada vez mais latente pensar uma educação que incite a “experimental, corrigir, criar e desobedecer” (KILOMBA, 2020, p. 16), assim sendo, tenhamos em mente as “pessoas amigáveis” que há séculos vivem e fazem a Amazônia a partir dos preceitos coletivos que são comuns aos latino-americanos, mesmo que valores individuais tenham sido imposto pelo caráter imperialista e neoliberal que para continuar a reproduzir o seu capital, precisa dividir para conquistar.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B; BOLÍVAR, A. Trayectorias epistemológicas y prácticas de la investigación (auto)biográfica en educación en Brasil y España. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BOLÍVAR, Antonio (Orgs.). **La investigación (auto)biográfica en educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Granada: EUG; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 08-29.

ARROYO, M. G. **Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência**. 1. reimp. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

BECKER, B. K. **Amazônia: geopolítica na virada o III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BECKER, B. K. Memorial de Concurso para Provimento do Cargo de Professor Titular no Departamento de Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 3, N. 2, p. 49-82, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2115/1881>>. Acesso em: 14 de jun. 2021.

BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos. In: VIEIRA, Ima Célia Guimarães (Org.). **As amazônias de Bertha K. Becker**: ensaios sobre geografia e sociedade na região amazônica: vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 15-258.

BRUM, E. **Brasil, construtor de ruínas – um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

DELORY-MOMBERGER, C. Construção e transmissão da experiência nos processos de aprendizagem e de formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica**: tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 39-57.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. Sá; ANDRÉ, M. E. D. A. **Políticas docentes no Brasil**: um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2011.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KILOMBA, G. Prefácio: Fanon, existência, ausência. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 11-16.

LESSARD, C; TARDIF, M. As transformações atuais do ensino: três cenários possíveis na evolução da profissão de professor. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Orgs.). **O ofício de professor**: história, perspectivas e desafios internacionais. Tradução Lucy Magalhães. 6. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Vozes, 2020. p. 255-277.

MARINHO, J. A. M. **As lutas camponesas e o cercamento do médio rio Xingu (PA)**: a construção da hidrelétrica Belo Monte. 2019. 286 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2019.

MENEZES, V. S. **“Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos...” professores?: das narrativas (auto)biográficas docentes à ressignificação de (Geo)grafias**. 376 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares. 2. ed. 5. reimp. São Paulo: Boitempo, 2019.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 11-30.

NÓVOA, A. FINGER, M. Introdução. In: NÓVOA, António. FINGER, Matthias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 19-30.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n.166, p.1106-1133, out./dez. 2017.

PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

REED, J. Mac, o americano. In: REED, John. **A filha da revolução**. Tradução Laura Pinto Rebessi. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000. p. 51-58.

RIBEIRO, D. **Ensaio insólitos**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

RIBEIRO, D. **América Latina: a pátria grande**. 3. ed. São Paulo: Global, 2017.

SANTOS, M. O Território e o Saber local: algumas categorias de análise. In.: **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XIII, N° 2, 1999, p. 15-26. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ippur/issue/download/277/86>>. Acesso em: 14 de jun. 2021.

SAQUET, M. A. **Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

TARDIFF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. 5. reimp. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SANTOS, L. P; CARVALHO, W. O; ARAÚJO, W. S. “O Melhor Esporte do Mundo é Caçar Negros”? Geografia, Formação de Professores e Pesquisa (Auto)Biográfica. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 8, art. 7, p. 129-147, ago. 2021.

Contribuição dos Autores	L. P. Santos	W. O. Carvalho	W. S. Araújo
1) concepção e planejamento.	X		
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X		